

TOPONÍMIA PARALELA NA CIDADE DE DOURADOS/MS: NOMEAÇÃO E MEMÓRIA

Marilze TAVARES¹

Marina de Souza SANTOS²

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v20i1.3459>

Resumo: Este estudo se caracteriza como interdisciplinar envolvendo, especialmente, a Linguística, uma vez que o foco é uma parcela do léxico, e a História, já que requer a recuperação de aspectos históricos do local pesquisado. Teve como objetivo a análise de topônimos paralelos da área urbana de Dourados (MS). As reflexões teóricas apresentadas fundamentam-se em autores que estudam toponímia na perspectiva linguística – Dauzat (1945), Trapero (1995), Dick (1987,1996) – e em historiadores que discutem o tema memória – Thompson (1981), Samuel (1997), Ricoeur (2007). Para a constituição do *corpus*, foram elencados 11 topônimos que, posteriormente, foram submetidos à apreciação de 40 moradores. Dentre os resultados, citam-se os seguintes: há casos de relativo equilíbrio entre o uso do nome paralelo e o do oficial como Rua Bahia (paralelo) e Rua Hayel Bon Faker (oficial), e casos em que o paralelo prevalece como em Mão do Braz (paralelo) e Monumento ao Colono (oficial); os nomes paralelos analisados têm características distintas em relação aos oficiais: os primeiros, em geral, são mais descritivos e funcionais, possuem vínculos diretos com o espaço denominado e com a memória dos moradores; já os oficiais se prestam, frequentemente, à homenagem a homens considerados importantes para a história local, regional ou nacional.

Palavras-chave: Toponímia urbana. Topônimos paralelos. Memória. Dourados (MS).

1 Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil; marilzetavares@ufgd.edu.br; <https://orcid.org/0000-0002-5874-2635>

2 Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN), Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil; limasmarina@gmail.com; <https://orcid.org/0009-0009-1901-2339>

- | Toponímia paralela na cidade de Dourados/MS: nomeação e memória

Parallel toponymy in the city of Dourados/MS: naming and memory

Abstract: This study is characterized as interdisciplinary involving, especially, Linguistics, since the focus is a part of the lexicon, and History, since it requires the recovery of historical aspects of the researched place. Its objective was the analysis of parallel toponyms in the urban area of Dourados (MS). The theoretical reflections presented are based on authors who study toponymy from a linguistic perspective – Dauzat (1945), Trapero (1995), Dick (1987,1996) – and on historians who discuss the topic of memory – Thompson (1981), Samuel (1997), Ricoeur (2007). For the constitution of the *corpus*, 11 toponyms were listed, which were later submitted to the appreciation of 40 residents. Among the results, the following are mentioned: there are cases of relative balance between the use of the parallel and the official names, such as Rua Bahia (parallel) and Rua Hayel Bon Faker (official), and cases in which the parallel prevails, as in Mão do Braz (parallel) and Monumento ao Colono (official); the parallel names analyzed have different characteristics in relation to the official ones: the first ones, in general, are more descriptive and functional, they have direct links with the named space and with the residents' memory; the officials, on the other hand, often pay homage to men considered important for local, regional or national history.

Keywords: Urban toponymy. Parallel toponyms. Memory. Dourados (MS).

Introdução

De uso social, mas restrito a uma parte da população, ou em contextos de oralidade, os topônimos paralelos são enunciados de autoria coletiva e não identificada que podem caracterizar – ainda melhor que os designativos oficiais – a visão de mundo de uma comunidade.

Partindo desse pressuposto, o objetivo deste artigo é registrar e apresentar considerações acerca de um conjunto de nomes paralelos empregados para designar ruas, praças, igrejas e monumento da área urbana do município de Dourados/MS. Consideram-se paralelos os designativos geográficos não oficiais, surgidos espontaneamente, e também aqueles que foram oficiais em um momento da história da cidade, mas que, em determinado momento, foram substituídos por outros, e, ainda assim, continuam sendo utilizados pelos moradores da cidade.

As reflexões apresentadas neste artigo pretendem também contribuir para a discussão sobre como as pessoas se movimentam, pensam os espaços geográficos e se posicionam frente ao que é posto pelo poder público e aquilo que realmente faz sentido para suas vidas no espaço em que circulam.

Trata-se de um tema que se insere no campo dos estudos linguísticos, porque analisa os designativos como signos constituintes da língua, ou mais exatamente, uma parcela do léxico. A pesquisa apresentada, além disso, tem vínculo estreito com a História, porque se constitui como um estudo que necessita recuperar questões históricas locais, principalmente aquelas que, de alguma forma, relacionam-se com a memória e com a percepção da cidade por parte de seus moradores.

Como hipótese inicial, tomou-se o fato de que esse tipo de designativo, isto é, os paralelos, por motivos que serão expostos no texto, estaria ficando restrito às faixas etárias mais velhas e, dessa forma, em vias de desaparecimento. Por isso, a pesquisa teria especial relevância por colaborar para a documentação desse tipo de topônimo que têm valor histórico e cultural, diretamente vinculados à memória social e a aspectos da história da cidade.

Toponímia: nomeação e memória

Tendo em vista o recorte e o objetivo do estudo, apresenta-se, na sequência, alguns pressupostos básicos da Toponímia e uma breve discussão sobre a questão da memória construída por meio da experiência dos moradores na cidade, enfatizando-se a nomeação dos espaços.

Contextualizando os estudos toponímicos

Identificar pessoas e lugares com nomes próprios é um procedimento muito antigo. Amaral e Seide (2020, p. 32), por exemplo, lembram que, analisando a escrita antiga dos egípcios, há cinco ou seis mil anos, é possível observar que havia uma diferenciação entre o registro dos nomes comuns e o dos nomes próprios de reis e faraós. Na mesma direção, Dick (1987, p. 96) já havia registrado que, na Bíblia, nomes próprio de lugar aparecem com relativo destaque:

Nos versículos iniciais do Gênesis, por exemplo, despontam acidentes geográficos, nomes de rios, os primeiros conhecidos com suas nascentes no jardim que se chamou do Éden (do *hebraico*, “delícias, lugar de delícias), situado na banda do Oriente, e designados como Pisom, Giom, Tigres e Eufrates; destes, o terceiro “corre pelo oriente da Assíria”, diz a Bíblia, os dois primeiros circundando, respectivamente, as terras de Havilá e de Cuxe [...].

- | Toponímia paralela na cidade de Dourados/MS: nomeação e memória

Os nomes atribuídos aos elementos geográficos são itens lexicais das línguas enriquecidos da função de nomear e são chamados de topônimos. Eles podem se referir a elementos geográficos físicos como rios, córregos, montanhas, morros, ou a espaços e edificações da área urbana como ruas, bairros, praças, monumentos. São objeto de estudo de uma área denominada Toponomástica³ – uma das subdivisões da Onomástica (ciência responsável pelo estudo dos nomes próprios em geral).

As pesquisas sobre toponímia, constantemente, requerem conhecimento de várias áreas do saber, mas estarão adequadamente acolhidas especialmente pela Linguística:

A Toponímia é uma disciplina cujos problemas têm sido compartilhados pela Linguística, Geografia, História, Botânica, Arqueologia, Antropologia... E todas elas reivindicando um “direito” de propriedade. Mas será preciso concordar que a Linguística tem mais (não estou dizendo exclusivo) “direito” do que qualquer outra, como perspectiva que tenta explicar uma parte do léxico de um lugar, de uma região, de uma língua”⁴ (Trapero, 1995, p. 21, tradução própria).

Para o desenvolvimento da pesquisa, que tem como foco topônimos paralelos da área urbana e cujos resultados se apresentam neste artigo, conforme mencionado, especialmente aspectos históricos precisaram ser considerados. Sobre essa questão, Dick (1996, p. 12) afirma:

[...] a toponímia é a disciplina que caminha ao lado da história, servindo-se de seus dados para dar legitimidade a topônimos de um determinado contexto regional, inteirando-se de sua origem para estabelecer as causas motivadoras, num espaço de tempo preciso, procurando relacionar um nome ao outro [...].

A propósito, a necessidade de se recorrer aos aspectos históricos para melhor se compreender os nomes geográficos – ainda que por razões distintas – já foi atestada há várias décadas pelo linguista francês Dauzat (1945, p. 7), por exemplo, que afirma: “A toponímia combinada com a história indica ou especifica os movimentos ancestrais de

3 A tendência atual é pela utilização do termo Toponomástica para se referir à área, diferenciando-a de toponímia, objeto de estudo. Observar, no entanto, que nas citações utilizadas neste texto ainda não se observa o uso desse termo.

4 No original: “La Toponimia es una disciplina cuya problemática se la han repartido la Lingüística, la Geografía, la Historia, la Botánica, la Arqueología, la Antropología... Y todas ellas alegando un “derecho” de propiedad. Pero habrá que convenir que más (no digo exclusivo) “derecho” que ninguna tiene la lingüística, como perspectiva que trata de explicar una parcela del léxico de un lugar, de una región, de una lengua”.

povos, migrações, áreas de colonização, regiões onde um determinado grupo linguístico deixou seus traços” (tradução própria)⁵.

A análise do início da história do Brasil, por exemplo, pode explicar o porquê da grande incidência de topônimos indígenas em todo o território brasileiro. E vários estudos – ver, por exemplo, Sampaio (1987), Dick (1990) – já demonstraram que, nesse tipo de toponímia, são privilegiados, principalmente, aspectos descritivos. Dessa forma, elementos da natureza, como a vegetação, os animais, os recursos hídricos e as características do solo são motivadores mais recorrentes entre os topônimos de origem indígena.

Já no que se refere à nomeação de logradouros e demais elementos da área urbana, geralmente, outros motivadores prevalecem. Ou seja, os aspectos descritivos costumam dar lugar à tradição de homenagear, de registrar certas versões da história e certas ideologias, como demonstra, por exemplo, o estudo de Mori (2007). Assim, na toponímia urbana, os aspectos descritivos ou aqueles que facilitam a referência para a localização costumam ficar em segundo plano no momento de se atribuírem, oficialmente, nomes às ruas, às praças e a outros espaços.

Apesar disso, o hábito natural de fundar a nomeação na descrição e na referência acaba resistindo ou se impondo, ainda que ao lado dos nomes oficiais atribuídos pelos governos ou por aqueles que detêm o poder de escolher os nomes. Essa é uma das razões pelas quais permanecem ou surgem certos topônimos paralelos, ou não-oficiais.

Ao que consta, no Brasil, não há muitos trabalhos publicados cujo foco seja toponímia paralela. Dos que se tem conhecimento, convém citar o trabalho de Vieira (2000), que, ao realizar estudo onomástico sobre o município de Socorro (SP), inclui no *corpus* de sua pesquisa doze topônimos paralelos. Entre os nomes de ruas analisados pela autora, está Rua do Cemitério, que é

[...] topônimo transparente, portanto, indicativo do referencial presente, o cemitério da cidade. Enunciado completo, convive também, como em outros lugares, com a denominação oficial por ser indicativo preciso e claro a qualquer usuário do nome (Vieira, 2000, p. 143).

Como a questão do referencial tem especial relevância para a maioria dos designativos analisados neste estudo, transcrevem-se mais algumas palavras da pesquisadora citada em relação ao que foi constatado em sua pesquisa:

⁵ No original: “La toponymie, conjugué avec l’histoire, indique ou précise les mouvements anciens des peuples, les migrations, les aires de colonisation, les régions où tel ou tel groupe linguistique a laissé ses traces”.

- | Toponímia paralela na cidade de Dourados/MS: nomeação e memória

A presença do referencial, e sua importância, são elementos decisivos à permanência da toponímia, visto que, sem registros, conta apenas com a memória popular. Esse fato é comprovado pela constatação da existência, por volta do início do século XX, da rua da caixa d'água, situada atrás da cadeia velha, portanto de uso paralelo ao topônimo (oficioso) rua Boa Vista. A rua aparece em alguns relatos de memórias antigos (livros e diários), e hoje, poucos sabem de sua existência e localização, visto que o referencial não está mais presente (Vieira, 2000, p. 143).

Como será possível observar na análise dos designativos focalizados neste estudo, a ênfase no referencial é muito recorrente na toponímia paralela urbana porque, desse modo, ela parece cumprir mais adequadamente suas funções. A esse respeito, Mori (2007, p. 316, tradução das autoras⁶), sobre a toponímia urbana, explica:

As designações urbanas têm a função de identificar e individualizar um determinado referente urbano: uma rua, uma passagem, uma avenida, uma praça e outros com precisão para permitir uma fácil orientação dentro do ambiente urbano.

Além dessa função básica de identificar e individualizar os referentes, essa mesma autora lembra que designações urbanas “[...] constituem um meio oficial de homenagem às pessoas que contribuíram com seus feitos, obras ou doações para o engrandecimento da cidade, do país ou do progresso universal.” (Mori, 2007, p. 316, tradução das autoras)⁷.

Quando os nomes oficiais que se prestam à homenagem, no entanto, não fazem sentido para os moradores de uma cidade ou não são entendidos como suficientemente funcionais para a identificação de determinado espaço, surgem, espontaneamente, os nomes paralelos.

Além disso, há casos em que o nome anterior, já aceito e cristalizado na memória dos moradores, é substituído, porém continua sendo utilizado paralelamente ao novo. Nesse caso, o que é paralelo em determinado momento já foi oficial em outro. Assim, para analisar os dois tipos de nomes paralelos, entende-se que é necessária uma reflexão sobre a questão da memória e daquilo que faz sentido para a vivência dos moradores na cidade.

6 No original: “Las designaciones urbanas tienen por función identificar e individualizar un cierto referente urbano: una calle, un pasaje, una avenida, una plaza y otros con precisión con el fin de permitir una fácil orientación dentro del ambiente urbano”.

7 No original: “Sin embargo, al mismo tiempo, constituyen un medio oficial para rendir homenaje a personas que han contribuido con sus hechos, obras o donaciones al engrandecimiento de la ciudad, del país o al progreso universal”.

Cidade, memória e nomeação dos espaços

Os locais por onde se circula em uma cidade e, por consequência, os nomes utilizados para fazer referência a esses locais estão intrinsecamente relacionados a aspectos históricos, sociais, culturais e vinculados às experiências vividas pelas pessoas. Por isso, para se discutirem essas questões, é preciso, antes, compreender que

[...] as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como idéias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou (como supõem alguns praticantes teóricos) como instinto proletário etc. Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas. (Thompson, 1981, p. 189).

Sendo assim, considera-se que as experiências vividas por moradores de Dourados, no seu processo de deslocamento na cidade, para trabalho, estudo ou lazer, são fatores relevantes na hora de atribuir nome a uma rua, a uma praça ou a um monumento, por exemplo. Essas experiências, bem como os sentidos elaborados na memória, naturalmente, vão se modificando à medida que a própria constituição do urbano vai sendo reelaborada.

Dessa forma, pensando na configuração da toponímia, é comum que um local tenha seu nome alterado conforme mudanças urbanas se estabeleçam. E, nesse sentido, convém recuperar a concepção de memória e experiência apresentada por Samuel (1997, p. 44).

A memória é historicamente condicionada, mudando de cor e forma de acordo com o que emerge no momento; de modo que, longe de ser transmitida pelo modo intemporal da “tradição”, ela é progressivamente alterada de geração em geração. Ela porta a marca da experiência, por maiores mediações que esta tenha sofrido. Tem, estampada, as paixões dominantes em seu tempo. Como a história, a memória é inerentemente revisionista, e nunca é tão camaleônica como quando parece permanecer igual.

Assim, os moradores vão atribuindo sentido ao passado e ao presente e, para se compreender melhor essa questão, é preciso analisar também a busca do tempo da memória.

- | Toponímia paralela na cidade de Dourados/MS: nomeação e memória

No que concerne particularmente ao tempo da memória, o “outrora” do passado rememorado inscreve-se doravante no interior do “antes que” do passado datado; simetricamente, o “mais tarde” da espera torna-se o “no momento em que”, marcando a coincidência de um acontecimento esperado com a grade das datas por vir. Todas as coincidências notáveis referem-se em última instância àquelas, no tempo crônico, entre um acontecimento social e uma configuração cósmica do tipo astral. Por sua vez, o tempo calendárico destaca-se numa sequência escalonada de representações do tempo que não se reduzem mais que ele próprio ao tempo vivido segundo a fenomenologia (Ricoeur, 2007, p. 159).

Conforme se verifica, no entanto, o que deve ser considerado não é o tempo cronológico datado e estipulado através de uma “lei” que vai nomear os espaços, mas o tempo da memória dos moradores que preferem continuar usando determinados topônimos paralelos que fazem mais sentido para sua vivência na cidade. Além do tempo, os espaços também são entendidos de formas diferentes. Ou seja, as pessoas se movimentam e pensam os espaços geográficos para além do mapa e da nomenclatura oficial. Nesse sentido, importa também o que afirma Ricoeur (2007, p. 159) sobre a cidade e o espaço habitado.

É na escala do urbanismo que melhor se percebe o trabalho do tempo no espaço. Uma cidade comporta no mesmo espaço épocas diferentes, oferecendo ao olhar uma história sedimentada dos gostos e das formas culturais. A cidade se dá ao mesmo tempo a ver e a ler. O tempo narrado e o espaço habitado estão nela mais estreitamente associados do que no edifício isolado. A cidade também suscita paixões mais complexas que a casa, na medida em que oferece um espaço de deslocamento, de aproximação e de distanciamento.

Dentre os espaços de deslocamento citados pelo autor, a rua tem especial relevância, conforme afirma também outra autora:

[...] uma rua para além de ser um lugar onde se passa ou se deixa de passar, [...] está carregada de história, está carregada de memória, está carregada de experiências que o sujeito teve, que seu grupo teve e que a história de seu grupo naquele espaço teve (Rolnik, 1992. p. 28).

Em outras palavras, uma rua não é apenas um espaço físico; ela está repleta de movimentos e de relações de pessoas que nela se encontram. Por essa razão, além de

discutir o uso de nomes paralelos, este artigo procura demonstrar a relação do sujeito com o espaço habitado e vivido nas suas experiências cotidianas do ir e vir pelas ruas e outros espaços da cidade.

Nesse raciocínio, é importante recuperar mais algumas reflexões de Rolnik (1992, p. 28) sobre o assunto: “As relações que os indivíduos estabelecem entre si configuram-se espacialmente. São processos de subjetivação individual e coletiva e não relações funcionais como ‘aqui lugar de morar’, ‘aqui lugar de trabalhar’, ‘aqui lugar de circular’”. A mesma autora lembra que um lugar habitado não é constituído previamente, ou seja, é formado ao longo das relações que nele se estabelecem e ganha sentido apenas pelas memórias produzidas pelos moradores que habitam a cidade.

É preciso considerar ainda que uma cidade é também um espaço de memórias constituídas inclusive pela imprensa e pelo poder público e que, nem sempre, essas memórias são coincidentes com as dos moradores comuns. Essa é uma das razões pelas quais a pesquisa apresentada procura verificar como os moradores comuns agem diante do que é posto pelo poder público (e pela imprensa a seu serviço) e aquilo que realmente faz sentido para suas vidas em relação à nomeação dos espaços. As palavras de Bresciani (1998, p. 237) ajudam a lançar um pouco de luz sobre essa questão.

As cidades são antes de tudo uma experiência visual. Traçado de ruas, essas vias de circulação ladeadas de construções, os vazios das praças cercadas por igrejas e edifícios públicos, o movimento de pessoas e a agitação das atividades concentradas num mesmo espaço. E mais, um lugar saturado de significações acumuladas através do tempo, uma produção social sempre referida a alguma de suas formas de inserção topográfica ou particularidades arquitetônicas.

Desse trecho, convém destacar especialmente o fato de que a cidade é “uma experiência visual”. Isso porque, além da memória, que faz com que o nome antigo resista mesmo após décadas do momento da alteração, o aspecto visual, ou seja, aquilo que mais se destaca aos olhos em alguns locais, acaba se tornando o motivador para os nomes paralelos, conforme se notará na análise dos dados.

O local da pesquisa: breves informações

A cidade de Dourados está localizada no centro sul de Mato Grosso do Sul, a 220 km da capital, Campo Grande. Classificada como uma cidade de porte médio, é a segunda maior do estado, com uma população de 227.990 habitantes, conforme estimativas do IBGE para 2021.

- | Toponímia paralela na cidade de Dourados/MS: nomeação e memória

É considerada uma cidade de colonização recente, pois o início de sua história data do final do século XIX, com origem ligada à criação de gado por fazendeiros vindos principalmente de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

Nas primeiras décadas do século XX, o que era apenas um povoado começa a ganhar contorno de cidade, com a construção das primeiras residências e comércios. O centro urbano vai se constituindo, de uma maneira organizada, com a abertura de ruas, avenidas largas e quadras com um traçado planejado, sendo o primeiro projeto urbano datado do ano de 1934. Dessa forma, o que, anteriormente, era um distrito se torna um município, emancipado em 20 de dezembro de 1935 por meio do Decreto nº 30, sancionado pelo governador do estado, na época, Mário Corrêa da Costa.

No final dos anos setenta – período de intenso êxodo rural no Brasil como um todo – muitos moradores deixam o campo, na região de Dourados – em direção à cidade. Nesse momento, muitos bairros novos surgem e a população urbana ultrapassa a da zona rural. Esse crescimento resulta na necessidade de ordenar melhor o espaço urbano e, assim, no ano de 1978, o então prefeito, José Elias Moreira, contrata o urbanista Jaime Lerner para elaborar um projeto urbanístico para planejar a cidade.

Novos bairros, avenidas e espaços de lazer vão surgindo a partir desse momento, e, conseqüentemente, surgiu também a necessidade de nomear esses espaços. As primeiras ruas do centro da cidade ganharam nomes de pessoas consideradas, na época, os “pioneiros”; nos entornos, algumas receberam nomes já atribuídos a cidades e estados do Brasil; nos bairros novos que iam se formando, muitas ruas foram nomeadas apenas por números ou letras.

Ainda na década de setenta, também são aprovadas algumas leis que regulamentam o uso do solo e do espaço urbano, bem como determinam regras para os nomes das ruas. Com isso, alguns topônimos – especialmente aqueles que também eram nomes de cidades e estados – foram substituídos por nomes de pessoas.

Nos anos noventa, ocorre nova estruturação da área urbana, principalmente com a criação de monumentos e reordenação da estrutura viária, como, por exemplo a construção de rotatórias. Já no começo dos anos dois mil, a cidade passa por nova alteração em seu planejamento, com destaque para a criação de ciclovias, abertura de novas ruas ligando os bairros já existentes e surgimento de bairros novos. No momento atual, a área urbana de Dourados continua em expansão acelerada com o surgimento de bairros populares e também de condomínios considerados de alto padrão em todo o seu entorno.

Aspectos metodológicos da pesquisa

No que se refere ao método de coleta de dados para constituição do *corpus* de uma pesquisa toponímica, é comum e aconselhável que o levantamento seja realizado a partir de mapas ou documentos considerados oficiais. Entretanto, a depender da natureza dos dados e dos objetivos da investigação, outros métodos de coleta podem ser necessários.

Desse modo, como os nomes paralelos, normalmente, não estão registrados em fontes oficiais, para este estudo, os dados foram, inicialmente, elencados a partir da observação das próprias autoras, que residem há várias décadas na cidade, e, na sequência, foi elaborado um questionário em um formulário digital para que os topônimos previamente levantados fossem apreciados por outros moradores.

Nesse formulário, após a parte inicial com algumas explicações sobre pesquisa e a identificação dos colaboradores, foram apresentados os nomes oficiais e o(s) nome(s) paralelo(s) de seis ruas, duas praças, duas igrejas e um monumento para que se assinalassem alternativas, como no exemplo da Figura 1:

Figura 1. Exemplo de questão do formulário utilizado

<p>1. <i>Rua Hayel Bon Faker – Rua Bahia:</i></p> <p>() Conheço a rua pelos dois nomes.</p> <p>() Conheço apenas por <i>Rua Hayel Bon Faker</i>.</p> <p>() Conheço apenas por <i>Rua Bahia</i>.</p> <p>() Utilizo os dois nomes para a mesma rua.</p> <p>() Utilizo apenas <i>Rua Hayel Bon Faker</i>.</p> <p>() Utilizo apenas <i>Rua Bahia</i>.</p>

Fonte: Elaboração própria

Após cada questão objetiva, apresentou-se também uma questão aberta como: “Se você utiliza os dois nomes, qual utiliza com mais frequência e por quê? Se desejar, deixe um comentário sobre esses nomes”. Ao final do questionário, foi solicitado que o informante registrasse, caso se lembrasse, outros topônimos que considera não oficiais. Para devolução do formulário às pesquisadoras, apenas as questões objetivas eram obrigatórias; por isso nem todos os informantes deixaram comentários nas questões abertas.

O questionário foi aplicado a 40 moradores/moradoras da cidade com idades variadas entre 13 e 98 anos. Todos os colaboradores autorizaram, no próprio formulário, o uso dos dados para a pesquisa. Ainda assim, quando transcritos alguns de seus

- | Toponímia paralela na cidade de Dourados/MS: nomeação e memória

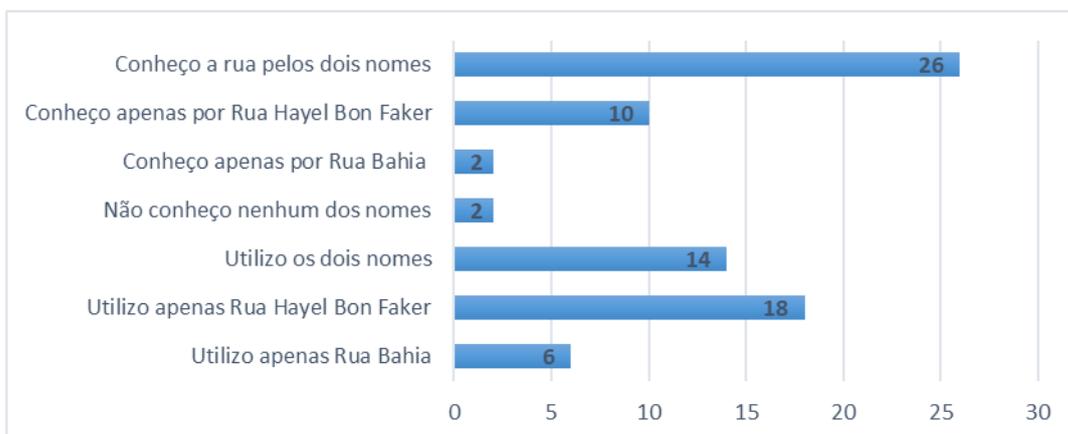
comentários, foram utilizadas apenas as iniciais dos nomes e a idade de modo a preservar a identidade de cada um. Convém esclarecer que, nas respostas, não foram observadas diferenças significativas que pudessem ser associadas ao gênero dos informantes. Por isso, essa variável não foi considerada na análise. As respostas foram contabilizadas e os resultados apresentados em gráficos juntamente com outras considerações sobre os topônimos.

Análise dos topônimos

Entre os topônimos paralelos discutidos nesta pesquisa, o exemplo mais emblemático, considerando os nomes de vias, é o da Rua Bahia, que passou a se chamar Hayel Bon Faker pela Lei nº 1053, de 14 de dezembro de 1975. Trata-se de uma das mais importantes ruas, que corta a cidade no sentido leste/oeste, e é uma via de comércio e também de moradias. No Gráfico 1, estão os resultados quantitativos obtidos por meio da aplicação do Questionário. Observa-se que as quatro primeiras afirmações dizem respeito apenas ao fato de se conhecerem os nomes (o oficial e o antigo no caso dessa rua), e as afirmações posteriores investigam a questão do uso dos nomes. Todos os demais gráficos, a propósito, têm a mesma estrutura.

É preciso lembrar, ainda, que as quantidades relacionadas às quatro primeiras questões do gráfico – referentes ao conhecimento dos topônimos – sempre somarão 40 (total de participantes da pesquisa). Já as três últimas questões – referentes à utilização dos nomes – poderão não somar 40. Isso porque, no Gráfico 1, por exemplo, duas pessoas responderam que não conhecem nenhum dos dois nomes; conseqüentemente não utilizam nenhum dos dois nomes. Ou seja, nesse caso, o total das três últimas será 38. O mesmo acontecerá nos gráficos 2, 3, 4, 6 e 9.

Gráfico 1. Rua Hayel Bon Faker – Rua Bahia



Fonte: Elaboração própria

Conforme se verifica no Gráfico 1, a maioria dos participantes da pesquisa respondeu que conhece a via pelos dois nomes; já em relação à utilização dos nomes, a maioria afirma que opta pelo nome oficial. Uma quantidade significativa, porém, utiliza, alternadamente, os dois nomes e há, ainda, o grupo que se refere à via apenas pelo nome paralelo. Entre as justificativas para a opção pelo nome anterior, estão a antiguidade, o fato de ser o mais conhecido, o mais fácil e o mais prático de se pronunciar, conforme se verifica em depoimentos como os seguintes: “Geralmente utilizo mais o nome Rua Bahia, acredito que por facilidade na compreensão e aparentemente por ser o nome mais popular/conhecido pelas pessoas” (W.S.C., 32 anos); “Rua Bahia. Porque é o nome mais antigo” (T.S.S, 71 anos); “Rua Bahia, porque é mais prático de pronunciar” (A.A. S.B., 31 anos). Entre os que utilizam o nome oficial, aparecem explicações como: “Rua Hayel Bon Faker, pela época que nasci já tinham trocado de nome” (S.P., 28 anos); “Hayel Bon Faker, porque é o nome que aparece no GPS”. (A.M. E.S, 30 anos).

Geralmente, ao se analisarem casos de mudanças em relação ao uso da língua de forma geral, aponta-se a faixa etária mais jovem como a que implementa a mudança⁸. No caso desses nomes, a julgar pelo que foi declarado, a mudança está ocorrendo gradualmente, mas o nome antigo ainda deve permanecer por um tempo razoável tendo em vista que, de modo geral, os informantes com até 30 anos de idade conhecem a rua pelos dois nomes e alguns, inclusive, também preferem o nome antigo.

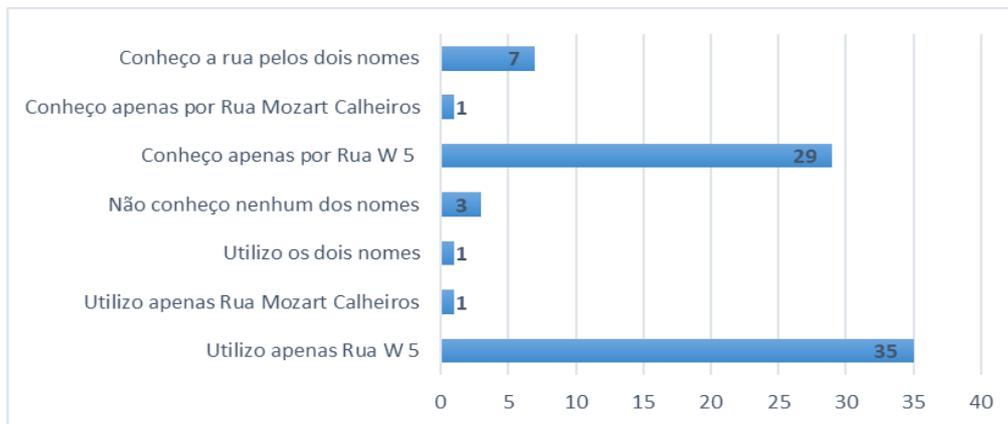
Várias ruas dos bairros Jardim Flórida e Jardim Água Boa nos anos setenta, quando esses bairros foram criados, e nas décadas seguintes, eram denominadas com letras e números. Ainda que esse tipo de nomeação seja considerado muito impessoal, o uso se consolida no cotidiano da comunidade e, quando o poder público decide alterar essa nomenclatura, o processo de mudança também não ocorre imediatamente, ou seja, é gradual. Nesse processo, há uma fase em que a população simplesmente ignora o nome atual, usando apenas o antigo, depois uma fase em que o atual é utilizado, mas ainda há a referência ao antigo no mesmo ato de enunciação. Esse é o caso, por exemplo, da Rua Mozart Calheiros, que também é referenciada como Rua W5 ou antiga W5⁹. No Gráfico 2, estão os resultados em relação ao que afirmam os moradores sobre os dois nomes.

8 Ver, por exemplo, resultados de pesquisadores da área de Sociolinguística, como Labov (2008).

9 Vale registrar que a enunciação do nome antigo costuma ocorrer também no primeiro exemplo: Rua Hayel Bon Faker, antiga Rua Bahia.

- | Toponímia paralela na cidade de Dourados/MS: nomeação e memória

Gráfico 2. Rua Mozart Calheiros – Rua W 5

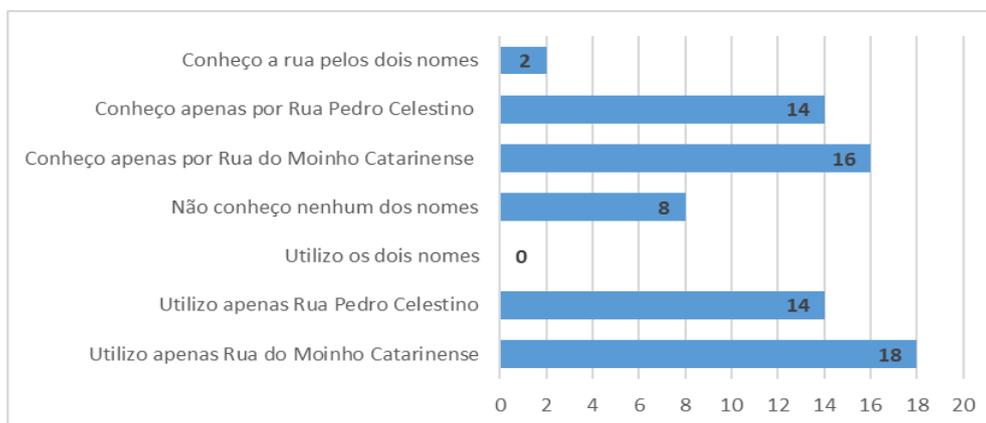


Fonte: Elaboração própria

Entre as razões para a utilização de Rua W 5, segundo os moradores, estão a antiguidade e a praticidade do nome – como no caso de Rua Bahia – e ainda a crença de que a localização acontece mais rapidamente: “W 5, é mais prático” (G.A.M, 58 anos); “W 5, porque é mais antigo. Me acostumei” (L. S., 76 anos); “Utilizo W 5, pois consigo me localizar mais facilmente” (A. L. S. S, 51 anos). Já entre os que utilizam o nome oficial, aparece a seguinte justificativa: “Mozart Calheiros, que é o nome que aparece no Waze” (M. A. F. , 51 anos).

É importante registrar que mais de um informante, não apenas em relação a essa última rua, alega se orientar pelos aplicativos de localização quando não conhece o endereço aonde precisam ir. Considerando que o uso desse tipo de recurso é cada vez mais frequente, especialmente, entre as novas gerações, é possível que os nomes paralelos de ruas caiam em desuso, uma vez que perdem a importância como referências facilitadoras de localização.

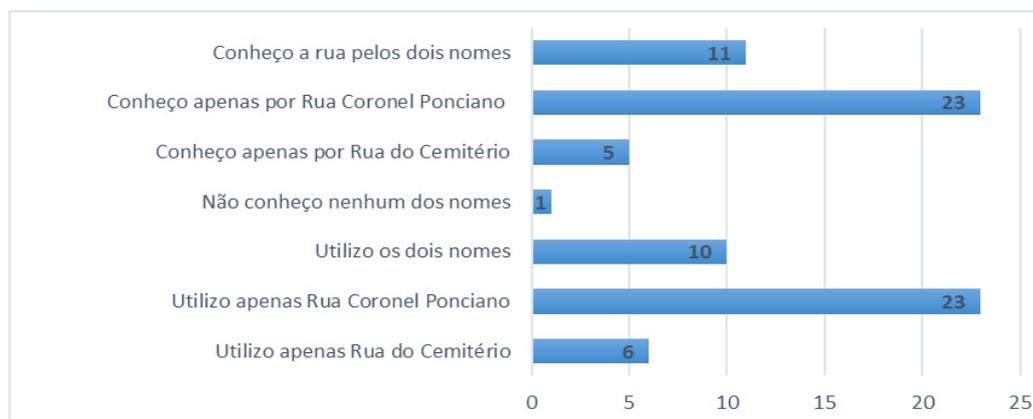
Em relação ao caso da Rua Pedro Celestino, também referenciada por Rua do Moinho Catarinense, o paralelo não é um nome anterior oficial, mas uma referência que remete a determinado estabelecimento muito conhecido da rua – o Moinho Catarinense. Como a via é um pouco mais afastada do centro da cidade, os moradores, ao que consta, sentem mais a necessidade de indicar um ponto de referência que facilitaria a localização, conforme se verifica pelas afirmações contabilizadas no Gráfico 3.

Gráfico 3. Rua Pedro Celestino – Rua do Moinho Catarinense

Fonte: Elaboração própria

Esse Gráfico mostra que não há diferença muito grande entre o número de pessoas que conhece e o que utiliza o nome oficial e o nome popular, entretanto sobressai o nome paralelo, que indica um ponto de referência. Um dos informantes inclusive registra: “Devia mudar para rua do Moinho” (W.C.R., 53 anos). Não houve muitos comentários dos participantes em relação a esses nomes e, em geral, justifica-se o nome oficial, apenas por ser oficial e atual: “Rua Pedro Celestino. Por ser o nome atual” (L.S., 76 anos).

A referência que facilita a localização também motiva o uso de Rua do Cemitério, topônimo paralelo do oficial Rua Coronel Ponciano. O cemitério em questão é o Cemitério Municipal Santo Antônio de Pádua e, apesar de se tratar de um local muito conhecido, o paralelo motivado por ele não é tão utilizado quanto Rua do Moinho Catarinense, por exemplo. O Gráfico 4 sintetiza os resultados obtidos em relação aos nomes em discussão.

Gráfico 4. Rua Coronel Ponciano – Rua do Cemitério

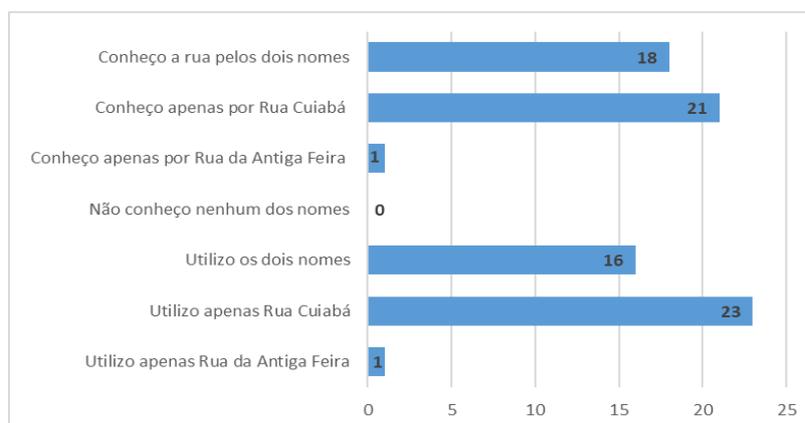
Fonte: Elaboração própria

- | Toponímia paralela na cidade de Dourados/MS: nomeação e memória

De acordo com as respostas, nesse caso, o nome oficial – Rua Coronel Ponciano – prevalece, ainda que um grupo também utilize o nome paralelo – Rua do Cemitério. As falas seguintes ilustram as opções e os motivos: “Hoje, utilizo Rua Coronel Ponciano, por hábito! Mas já utilizei muito como Rua do Cemitério, que facilita a localização” (A. L. S. S, 51 anos); “Rua do Cemitério, por ser um ponto de referência” (M. P. S., 24 anos). Como se nota, diferentemente de Rua Bahia, nome paralelo muito usado pelos entrevistados, o designativo Rua do Cemitério é pouco usado. Ou seja, prevalece o topônimo oficial, Coronel Ponciano.

Por muitas décadas, na Rua Cuiabá, funcionou a maior feira livre de Dourados. Assim, a rua também era referenciada como Rua da Feira. Em novembro de 2016, entretanto, a feira mudou-se para a Rua Cafelândia. Diante disso, entendeu-se como relevante verificar a situação do nome paralelo alguns anos após essa mudança. Nesse caso específico, considerou-se que seria adequado colocar ao lado do nome oficial – Rua Cuiabá – o paralelo Rua da “Antiga” Feira. As respostas obtidas estão contabilizadas no Gráfico a seguir.

Gráfico 5. Rua Cuiabá – Rua da Antiga Feira



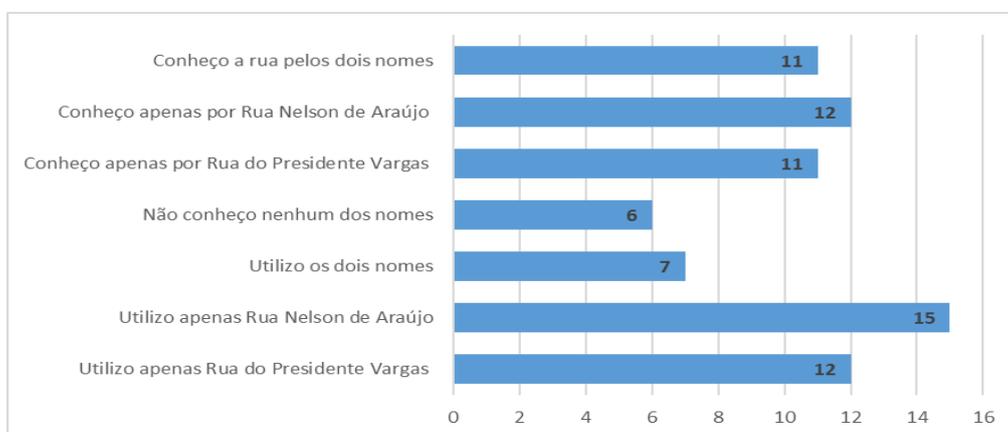
Fonte: Elaboração própria

O nome oficial – Rua Cuiabá – é o mais conhecido e o mais utilizado pelos participantes da pesquisa, entretanto o nome popular – Rua da Antiga Feira – ainda aparece mesmo após anos da mudança da feira. Algumas respostas ilustram os resultados obtidos: “Rua da Feira, porque abrigou a feira por muito tempo” (G.A.M, 58 anos); “Utilizo Rua Cuiabá, pois já me acostumei com o nome” (A. L. S. S, 51 anos). Entre as explicações para a utilização dos dois nomes está o seguinte comentário: “Uso com mais frequência Rua Cuiabá por ser o nome pelo qual conheci a rua, mas também uso Rua da Antiga Feira. Quando quero dar alguma referência de localização, digo que é perto da rua da antiga

feira” (M.P.S., 24 anos). Apesar de vários informantes afirmarem usar os dois nomes, apenas uma pessoa usa exclusivamente o nome paralelo. Esse resultado demonstra que, tendo a feira se deslocado para outro espaço, o referencial, obviamente não existe mais no local, e por isso essa forma de designação tende a desaparecer.

Já a Rua do Presidente Vargas¹⁰ não é uma homenagem direta a Getúlio Vargas, como poder-se-ia supor quem não conhece a história local. A menção é a uma escola estadual do mesmo nome que está localizada em um dos extremos dessa rua, no centro da cidade. O nome oficial da via é Rua Nelson de Araújo. Os resultados obtidos estão expressos no Gráfico 6.

Gráfico 6. Rua Nelson de Araújo – Rua do Presidente Vargas



Fonte: Elaboração própria

O topônimo oficial – Rua Nelson de Araújo – é o mais conhecido e o mais utilizado como se verifica no gráfico, no entanto o uso do nome popular também é frequente pelos motivos já expostos nos outros casos: “Falo com mais frequência Rua do Presidente Vargas, porque facilita pela referência” (R.O.C.C., 31 anos); “Rua do Presidente Vargas. Utilizo mais por questão de referência” (M. M. S., 22 anos). Vale acrescentar que um dos moradores lembrou que a mesma via “também é conhecida como Rua do Calçadão” (W.C.R., 53 anos). O calçadão a que o informante se refere foi construído no final dos anos oitenta, e permaneceu no local por mais de vinte anos, sendo destruído para, novamente, ceder mais espaço à rua em 2012. Assim, a referência, isto é, o calçadão, ficou marcada na memória, principalmente dos que eram jovens e estudantes da escola naquela época.

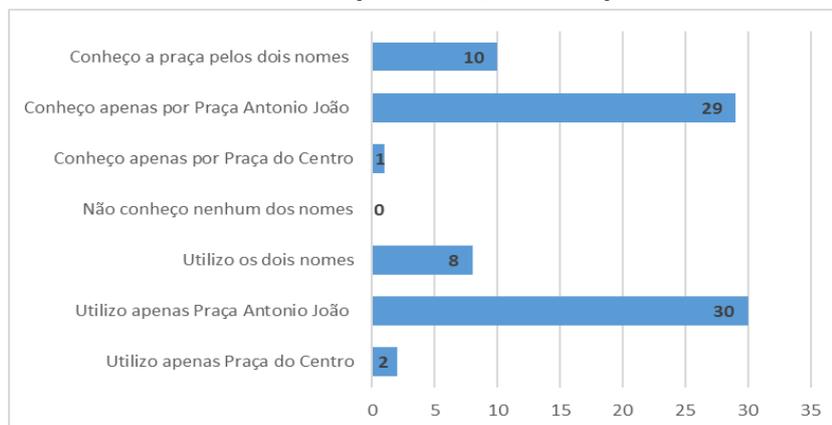
No que se refere às praças, dois casos, especialmente, podem ser citados. Primeiro, tem-se, oficialmente o nome Praça Antônio João – em homenagem ao “herói” da Guerra

¹⁰ Convém registrar que outra rua da cidade tem a denominação de Rua Presidente Vargas.

- | Toponímia paralela na cidade de Dourados/MS: nomeação e memória

contra o Paraguai – que é referenciada também apenas como Praça do Centro (ou ainda apenas pelo genérico Praça). No Gráfico 7, estão os resultados em relação às duas formas de mencionar esse logradouro.

Gráfico 7. Praça Antônio João – Praça do Centro

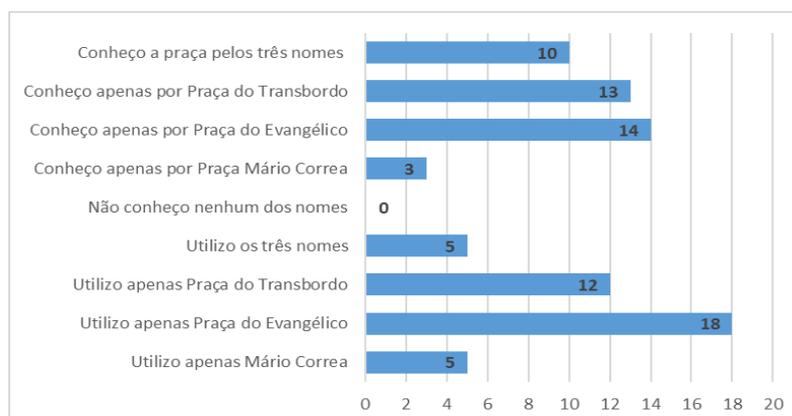


Fonte: Elaboração própria

Tendo em vista os dois designativos dados como opção aos moradores participantes da pesquisa, a maioria conhece e utiliza o nome oficial – Praça Antônio João. Entretanto, outras formas de nomear foram apontadas: “Eu uso mais Praça Antônio João. Mas falo Praça Central ou Praça da Matriz quando estou com alguém que é novo na cidade e não conhece por Praça Antônio João” (E.E., 28 anos); “Muita gente, e eu também, às vezes, prefiro falar Praça do Centro ou Praça da Igreja” (W.C.R., 53 anos). A “matriz” e a “igreja” que aparecem na fala dos moradores referem-se, na verdade, à Catedral Imaculada Conceição, localizada no centro da cidade.

O segundo exemplo de praça que recebe nomes paralelos é a Praça Mário Correa¹¹. Ao lado, localiza-se o Hospital Evangélico Dr. e Sra. Goldsby King. Por isso, também é comum ouvir Praça do Evangélico. No final dos anos noventa, foi instalado em um dos lados da praça o terminal de transbordo de ônibus circular do município. Essa construção motivou novo nome paralelo: Praça do Transbordo. Por sua vez, o nome oficial, que raramente era utilizado, foi mudado para Antônio Alves Duarte, em 12 de dezembro de 1983 pela Lei nº 1283. A pesquisa colocou os três nomes como opção aos informantes e os resultados estão no Gráfico seguinte:

¹¹ O nome oficial atual não foi utilizado na pesquisa, porque, pela percepção das autoras, a mudança não ficou conhecida pelos moradores e inclusive meios de comunicação precisam fazer referência ao nome oficial anterior. O jornal *Agora MS*, ao noticiar a reforma da praça, publica: “A praça Antônio Alves Duarte (antiga Mário Corrêa) passou por completa reforma e revitalização”. Disponível em: <https://www.agorams.com.br/sergio-nogueira-comemora-revitalizacao-da-praca-antonio-alves-duarte/>. Acesso em: 22 jun. 2022.

Gráfico 8. Praça Mário Correa – Praça do Transbordo – Praça do Evangélico

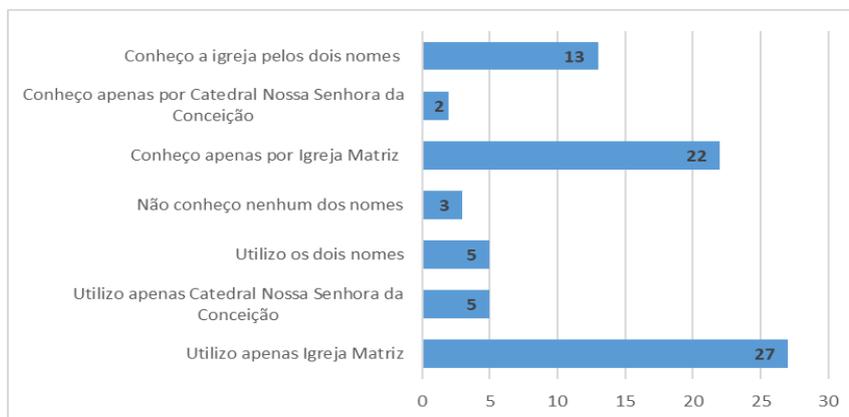
Fonte: Elaboração própria

Diferentemente do que ocorre em relação aos nomes analisados para a outra praça, neste caso, são os nomes paralelos que prevalecem, sobressaindo Praça do Evangélico. Os depoimentos transcritos exemplificam as afirmações dos moradores: “Eu trabalhava no Hospital Evangélico e me acostumei a falar Praça do Evangélico”. (L.F.A. S., 51 anos); “Sempre utilizo como Praça do Evangélico ou como Praça da Biblioteca” (A.L.S.S, 51 anos); “Praça do Transbordo, por causa do ponto dos ônibus” (M. A. L. S, 98 anos). Desses depoimentos, destaca-se um terceiro nome popular não previsto pelas autoras do trabalho: Praça da Biblioteca, nome motivado pela existência de uma biblioteca municipal na praça. Como se constata, o que ficou e ainda fica guardado na memória dos entrevistados são as referências do hospital, do terminal de transbordo e da antiga biblioteca, prevalecendo o primeiro, por ser um hospital antigo da cidade, para onde toda a população que precisava de atendimento se dirigia. Esse é mais um caso em que os nomes oficiais, instituídos também para homenagear pessoas, não fazem sentido aos moradores.

Já alguns templos religiosos também recebem denominações espontâneas. Exemplificam-se, neste estudo, dois casos. A Igreja Católica Nossa Senhora da Conceição foi, por muitas décadas, considerada a matriz. Por essa razão, ficou conhecida e denominada apenas como Igreja Matriz ou Matriz. Atualmente, o templo é considerado catedral. O nome oficial foi colocado ao lado do popular e os resultados foram os seguintes:

- | Toponímia paralela na cidade de Dourados/MS: nomeação e memória

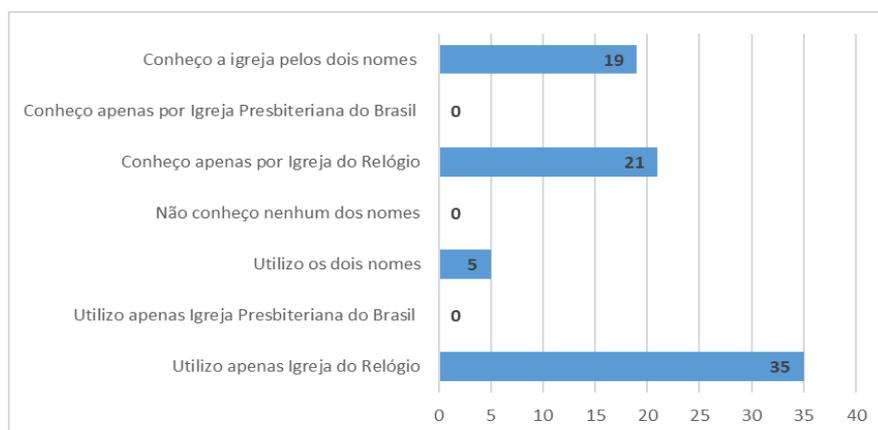
Gráfico 9. Catedral Nossa Senhora da Conceição – Igreja Matriz



Fonte: Elaboração própria.

Conforme as respostas obtidas, a preferência da maioria é por Igreja Matriz. Essa forma de se referir à igreja seria uma opção utilizada inclusive por quem sabe que atualmente não se trata mais de uma matriz e sim de uma catedral, provavelmente porque a questão de fazer o interlocutor compreender mais rapidamente de que local se fala é o mais importante. Sobre essas formas de referenciar, transcreve-se o comentário de uma das moradoras: “Às vezes, utilizo os dois, para facilitar a localização, porque agora a antiga matriz virou catedral” (G. A. M. 58 anos).

Ainda em relação às denominações espontâneas de igrejas, o exemplo mais conhecido, inclusive, por moradores de cidade vizinhas é o que ocorre com a Igreja Presbiteriana do Brasil/Dourados. Ao lado do templo, há uma torre relativamente alta, que pode ser vista à distância de alguns quarteirões, com um grande relógio em seu topo. Por esse motivo, a igreja é conhecida também como Igreja do Relógio, conforme comprovam os dados do gráfico.

Gráfico 10. Igreja Presbiteriana do Brasil – Igreja do Relógio

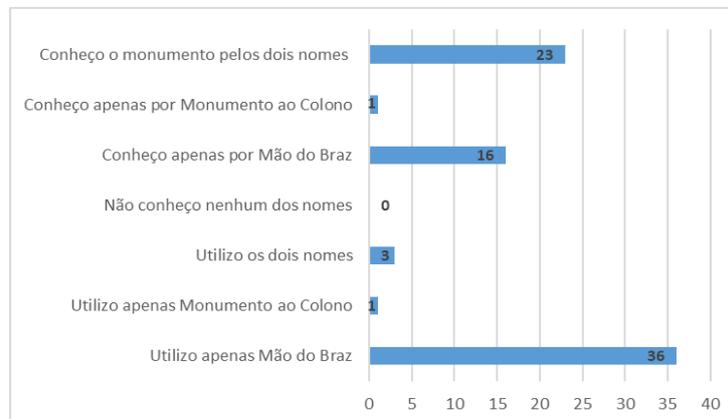
Fonte: Elaboração própria

A pesquisa mostra que é quase equilibrado o número de pessoas que afirma conhecer os dois nomes – Igreja Presbiteriana do Brasil e Igreja do Relógio – e o número que afirma conhecer apenas o paralelo. Entretanto, a grande maioria utiliza apenas o paralelo. Certos moradores acreditam que muitos outros não conhecem o nome oficial ou que, se utilizarem o paralelo, a identificação do local acontecerá mais rapidamente, conforme se verifica nas afirmações: “Só falo Igreja do Relógio mesmo. Porque se falar Presbiteriana o povo não conhece” (L. C. S., 56 anos); “Igreja do Relógio, porque as pessoas assimilam mais rápido qual o local” (W.C.R, 53 anos). Convém mencionar que a igreja está situada no centro da cidade na principal avenida, o que faz dela uma referência ainda mais utilizada.

Além de ruas, praças e igrejas, um monumento instalado em uma das entradas da cidade também recebeu da população uma nomeação paralela. Trata-se do Monumento ao Colono rebatizado pela população de Mão do Braz. O nome paralelo é uma alusão ao desenho de mãos, em relevo, que se pode observar na construção e ao antigo prefeito, Antônio Braz Melo, que administrava a cidade no ano em que o monumento foi construído, 1991. O resultado em relação ao conhecimento e à utilização dos dois nomes está no gráfico a seguir.

- | Toponímia paralela na cidade de Dourados/MS: nomeação e memória

Gráfico 11. Monumento ao Colono – Mão do Braz



Fonte: Elaboração própria

Como se verifica, a maioria dos participantes da pesquisa afirma conhecer os dois nomes e, quanto à utilização, a preferência da maioria é pelo nome paralelo. Esse é mais um caso em que o nome não oficial funciona melhor que o oficial. Em geral, mesmo os que conhecem o nome oficial optam pelo paralelo por acreditar que o interlocutor compreenderá mais facilmente de que local se está falando. É o que se pressupõe pelas afirmações seguintes: “Imagino que seja mais conhecido quando estou falando com alguém” (A.C.L., 51 anos); “As pessoas em geral assimilam mais rápido” (W.C.R. 53 anos); “Eu uso Mão do Braz com maior frequência porque é nome mais popular entre os moradores” (W.M.S., 25 anos). Um dos moradores, inclusive, destaca que entende que se trata do “apelido” – “Falo Mão do Braz, porque todo mundo começou a usar e o apelido pegou” (L.S., 76 anos).

Diante da análise realizada, pode-se observar que os nomes de ruas, com exceção da Rua W5, quando alterado são, relativamente, bem aceitos pelos moradores, conforme demonstrado nos gráficos. Já os monumentos, praças e igrejas, na sua maioria, são referenciados, mais frequentemente, pelos nomes paralelos, sendo esses locais muito significativos para localização na cidade, como a “Igreja do Relógio”, que além de estar em uma região central, possui um ponto de ônibus/circular na sua frente e um ponto de ônibus e vans intermunicipais na sua lateral. Por essas razões, se constitui como uma referência importante para o deslocamento de passageiros de dentro e de fora da cidade. A “Mão do Braz” também se trata de um monumento na entrada da cidade que situa os viajantes que estão chegando, atravessando ou saindo da cidade, bem como é um referencial para acessar determinados bairros e comércios da cidade. A “Praça do Evangélico” ou “Praça do Transbordo” continua se constituindo em um importante referencial por ser o lugar onde passa boa parte das pessoas que dependem do transporte público urbano, e o hospital

ainda continua sendo um referencial em atendimento para os que vivem na cidade e para os que vêm de fora.

Conforme mencionado, além dos nomes previamente levantados pelas autoras do trabalho, outros nomes paralelos foram registrados na questão final do Formulário da Pesquisa: Parque do Lago, Leda, Jorjão e Casas Populares.

O Parque Antenor Martins, por exemplo, foi citado por vários informantes que lembram que o local é mais conhecido pelo topônimo paralelo Parque do Lago, motivado pela existência de um lago no meio do parque. O Estádio Napoleão Francisco de Souza, conhecido majoritariamente pelo paralelo Leda (Liga Esportiva Douradense de Amadores) também foi mencionado. Inaugurado em 29 de maio de 1952, trata-se de um local que, por muito tempo, funcionou como o estádio principal, e, ainda hoje, sedia vários eventos esportivos. Já o mais recente, Complexo Esportivo Jorge Antônio Salomão, também citado por alguns participantes da pesquisa, é designado apenas por Jorjão. Por fim, o conjunto habitacional, Antônio João, designado pelo nome paralelo Casas Populares foi mais um citado nas respostas dos participantes da pesquisa. Construído no ano de 1970, foi o primeiro conjunto habitacional destinado a pessoas de baixa renda, o que motivou o nome Casas Populares.

Considerações finais

Os nomes de logradouros e outros espaços da área urbana costumam ser entendidos como um repositório que registra a memória e certas ideologias de grupos diversos. Essa memória e essas ideologias podem ser aquelas pretendidas pelo poder público ou aquelas criadas e transmitidas naturalmente, geradas pela vivência e experiência das pessoas em suas relações com o espaço em que habitam.

Essa é uma das razões que fazem o estudo de um conjunto de topônimos urbanos importante para o conhecimento de uma comunidade, de uma região. Os nomes oficiais, ainda que sejam alterados, continuam registrados em documentos, atas, leis etc., mas os nomes paralelos, tão importantes quanto os oficiais, também podem ser alterados e esses, ao contrário dos primeiros, se perdem se não forem registrados em trabalhos como este. Por isso, o estudo apresentado pretendeu ser uma contribuição para o registro de aspectos históricos da cidade relacionados a um recorte de sua toponímia.

Conforme se observou, os topônimos paralelos podem surgir por mudança dos nomes oficiais – quando a comunidade, por força do hábito, continua a utilizar o nome anterior – ou porque os moradores, desde o início, não encontram sentido para o nome

- | Toponímia paralela na cidade de Dourados/MS: nomeação e memória

oficial atribuído pelo poder público e, então, rebatizam o espaço, os monumentos, as edificações com nomes que consideram mais funcionais, mais práticos, conforme verificado em alguns depoimentos dos informantes.

Ainda sobre a alteração dos nomes oficiais, o processo costuma ser lento e gradual e pode se completar apenas com a vinda de novas gerações de pessoas que crescem já ouvindo o novo nome por parte das pessoas com quem convivem, da mídia, da imprensa. Em alguns casos, o nome antigo permanece mesmo após algumas gerações e pode coexistir com a nomenclatura nova oficial. É possível ocorrer, por exemplo, que o nome anterior continue a ser usado nas interações orais, porém na escrita prevaleça o oficial.

Os nomes paralelos criados espontaneamente mostram que, em geral, os aspectos descritivos e referenciais auxiliam na localização e, por isso, sobressaem no que se refere a sua motivação. Já nos nomes oficiais, a homenagem, sobretudo a personalidades consideradas importantes – pelo poder público – prevalece.

É preciso considerar ainda que o uso de referenciais nos nomes, apesar de ser uma estratégia muito funcional para auxiliar na localização, tende a desaparecer porque, como verificado nas respostas dadas ao questionário, alguns moradores afirmam que preferem utilizar aplicativos e outros recursos da internet (GPS, Google Maps, Waze etc.) como facilitadores de localização. Nesse raciocínio, os nomes paralelos, especialmente nomes de ruas, podem começar a perder a sua importância e até desaparecer, mais um argumento em favor da importância deste estudo.

Referências

AMARAL, E. T. R.; SEIDE, M. S. **Nomes próprios de pessoa**. Introdução a antroponímia brasileira. São Paulo: Blucher, 2020.

BRESCIANI, M. S. M. História e Historiografia das Cidades, um percurso. *In*: FREITAS, M. C. (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

CÂMARA MUNICIPAL DE DOURADOS. **Dourados**: Guia de Leis. 2000.

DOURADOS. Lei nº 1053, de 14 de dezembro de 1975. **Dourados**: Guia de Leis. 2000.

DOURADOS. Lei nº 1283, de 12 de dezembro de 1983. **Dourados**: Guia de Leis. 2000.

DAUZAT, A. **Le noms de lieux**. Origine et évolution. Paris: Librairie Delagrave, 1947.

DICK, M. V. de P. do A. **A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo 1554-1897**. São Paulo: Annablume, 1996.

DICK, M. V. de P. A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. Arquivo do Estado: São Paulo, 1990a.

DICK, M. V. de P. do A. Toponímia e Cultura. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo, v. 27, p. 93-101, 1987.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e estados**. Dourados. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ms/dourados.html>. Acesso em: 05 set. 2022.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

MORI, O. Aspectos teóricos relevantes de las designaciones urbanas. *In*: ILIESCU, M.; SILLER-RUNGGALDIER, H.; DANLER, P. **Actes du XXV Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes**. Innsbruck, 2007. p. 315-324.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: EdUnicamp, 2007.

ROLNIK, R. História urbana: história na cidade? *In*: **Anais Seminário de História da cidade e do urbanismo**, Salvador: UFBA, v. 2, n. 1, 1993.

SAMPAIO, T. **O tupi na geografia nacional**. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: INL, 1987.

SAMUEL, R. Teatros da Memória. **Revista Projeto História**, PUC-SP, n. 14, p. 41-81, fev. 1997.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TRAPERO, M. **Para una teoría lingüística de la toponimia**. (Estudios de toponimia canaria). Las Palmas de Gran Canaria: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 1995.

VIERA, Z. P. **Estudo onomástico do município de Socorro**: reconstituição dos antropotopônimos e da memória da imigração. 2000. 193 f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

- | Toponímia paralela na cidade de Dourados/MS: nomeação e memória

COMO CITAR ESTE ARTIGO: TAVARES, Marilze; SANTOS, Marina de Souza. Toponímia paralela na cidade de Dourados/MS: nomeação e memória. **Revista do GEL**, v. 20, n. 1, p. 241-266, 2023. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

Submetido em: 12/09/2022 | Aceito em: 18/06/2023.
